

O estilo "afirmativo"

MARCELO DE MORAES

BRASÍLIA – Não aconteceu por acaso a decisão do presidente Fernando Henrique Cardoso de cobrar explicações do vice-governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, em relação às suas declarações ameaçando apresentar um dossiê sobre supostas irregularidades na votação da emenda de reeleição. O presidente Fernando Henrique está adotando há algumas semanas um estilo "afirmativo", caracterizado por procurar não deixar sem resposta qualquer acusação que considere injusta, mesmo que tenha sido feita por algum integrante da sua base de sustentação política dentro do Congresso.

A avaliação do governo é que estava sendo prejudicial em termos de imagem externa deixar sem respostas ataques desse tipo. Além disso, o próprio presidente Fernando Henrique se cansou de relevar problemas desse tipo. Há duas semanas, depois da discussão política que envolveu o processo de sucessão no comando da Polícia Federal, sobre a qual o PMDB queria influir diretamente, Fernando Henrique desabafou. Disse que sua tolerância tinha chegado ao

limite. Justamente naquele período, o presidente acompanhava preocupado o aparecimento de várias divergências envolvendo colaboradores diretos do seu governo. Os ministros da Saúde, José Serra, e da Previdência, Waldeck Ornelas, trocavam ataques por conta da questão da lei de filantropia. Os presidentes da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), e do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), bateram boca por conta da proposta da reforma do Judiciário.

Interpelação – Antes do episódio envolvendo a sucessão da Polícia Federal, o presidente já exercera o estilo afirmativo no caso conhecido como Dossiê Cayman. A história dava conta que o presidente e outros políticos tucanos teriam supostamente uma conta nas Ilhas Cayman, um paraíso fiscal do Caribe. Fernando Henrique se irritou profundamente com as acusações e cobrou a interpelação das pessoas que teriam vazado a história, inclusive do ex-prefeito de São Paulo Paulo Maluf. Nessa questão, Fernando Henrique decidiu passar por cima do fato de Maluf ser o presidente nacional do PPB, partido que integra sua base de apoio e tem dois ministros no primeiro escalão. Na vi-

são do presidente, os aliados políticos não podem fazer jogo duplo, devendo demonstrar sua lealdade.

Depois da crise do PMDB, o presidente Fernando Henrique fez questão de reunir sua equipe ministerial no Palácio do Planalto para anunciar que não aceitaria mais contestações públicas desse porte. Os aliados, sobretudo os integrantes do governo, não deveriam mais dar declarações públicas que pudessem prejudicar a imagem do governo ou gerar novas crises. Para os ministros que não puderam participar desse encontro, Fernando Henrique fez, alguns dias depois, uma nova rodada para garantir que seu recado estava transmitido. Ou seja: aliados não podiam funcionar como oposição.

Foi essa, justamente, a situação de Newton Cardoso. O político mineiro fez um discurso forte contra o governo e como castigo viu a demissão de Flávio Menicucci, seu afilhado político, do cargo de chefia do DNER em Minas Gerais. Newton voltou a reclamar e ameaçou apresentar o dossiê da reeleição. O governo dobrou a carga e passou a exigir que ele apresente os supostos documentos ou que se retrate.